

## O SEXISMO NA MÍDIA: UMA ANÁLISE ETNOGRÁFICA DO CONTEXTO ESCOLAR

Arilane Florentino Félix de Azevêdo; Tânia Maria Augusto Pereira

*Mestrado de Formação de Professores - Universidade Estadual da Paraíba*

[arilane\\_florentino@hotmail.com](mailto:arilane_florentino@hotmail.com); [taniauepb@yahoo.com.br](mailto:taniauepb@yahoo.com.br)

**Resumo:** A mídia é protagonista central no processo de construção, manifestação e circulação de discursos (e dos valores que deles decorrem) sobre um corpo magro, saudável e belo. Ao veicular uma representação de corpo e sexualidade, a mídia influencia na formação da identidade de crianças e jovens (FELIPE, 2013). Considerando essa realidade, este artigo objetiva descrever a influência que o discurso midiático acerca do corpo belo tem sobre as crianças e as repercussões desse discurso no ambiente escolar. O estudo descreve e analisa cenas retiradas de uma observação feita na sala de aula e no recreio de uma escola pública municipal, situada na cidade de João Pessoa-PB. Nossa metodologia de pesquisa está embasada em uma abordagem etnográfica, que proporciona uma visão holística da cultura, além de introduzir os sujeitos participantes de forma ativa e dinâmica. A etnografia tem uma preocupação em obter uma descrição densa sobre como se organiza um grupo particular de pessoas, tanto no que diz respeito ao que esse grupo faz quanto nas perspectivas imediatas que eles têm do que fazem (MATTOS, 2011). Para tanto, fizemos um diálogo com Engels (2000) e Le Breton (2007) para compreendemos a nossa relação com o corpo. Dialogamos ainda com Smigay (2002) sobre a noção de sexismo, entendida como uma posição de desprezo e opressão de um sexo para com o outro. Por vivermos em uma sociedade falocrática, o sexo menosprezado e oprimido remete ao feminino. A partir da nossa observação, verificamos que cada vez mais as crianças buscam ter corpos iguais aos que são veiculados no discurso da mídia, dentro de um processo de constituição de identidade calcado na obtenção do corpo perfeito que, ao mesmo tempo em que nos singulariza nos diferencia dos outros.

**Palavras-chave:** Sexismo, Corpo, Mídia, Mulher.

### Comentários iniciais

Vivemos em uma sociedade em que meninos e meninas, homens e mulheres compartilham de uma visão androcêntrica na qual foram educados(as) e que norteia seus pensamentos e ações. A visão sexista de discriminação entre os sexos é dominante em nossa sociedade e, por consequência, nas nossas escolas. É importante entender que a discriminação e a violência começam pela aparência da mulher que precisa seguir um padrão de beleza ditado, principalmente, pela mídia.

Este artigo pretende contribuir com as discussões acerca do sexismo (com um recorte sobre a ditadura da beleza imposta, principalmente, pela mídia) em sala de aula. Através de uma revisão da literatura sobre a temática abordada, buscaremos fazer uma reflexão sobre o papel que a escola cumpre na desconstrução desses estereótipos na vida das meninas.

Para tanto, na primeira parte, buscaremos fazer uma contextualização do nosso estudo. Nesse momento descrevemos, brevemente, a escola estudada, a rotina das crianças, além de trazer a organização da sala e o perfil dos sujeitos pesquisados. Em um segundo momento, faremos um

passeio pela história da mulher buscando entender como viramos vítimas da ditadura da beleza. Para isso, faremos um diálogo com Engels (2000), no que se refere à origem das relações sociais. Dialogaremos ainda com Le Breton (2007), para compreendermos a nossa relação com o corpo e, com Smigay (2002), teceremos uma reflexão acerca do sexismo. Na terceira parte, apresentamos a descrição da aula observada, analisando os comentários construídos através de uma concepção sexista. Por fim, faremos nossas conclusões acerca da influência da mídia e a imposição de um padrão de beleza na vida das meninas.

### **Contexto da pesquisa**

A pesquisa se desenvolveu em uma escola situada na cidade de João Pessoa-PB, no Bairro do Bessa. A escola funciona em tempo integral. As crianças estudam de 07h às 17h. Em um primeiro momento (07h às 11:30h), elas têm aula “normal”, ou seja, tem acesso aos conteúdos que precisam ser apreendidos de acordo com a série na qual a criança está inserida. Depois, elas tem um intervalo de 11:30h às 13h, nesse momento elas almoçam e descansam. De 13h às 15h, as crianças tem aula de revisão dos conteúdos estudados e fazem a atividade que a professora passou no período matutino. Das 15h às 17h, elas frequentam oficinas, distribuídas na semana, com diversas atividades, tais como: judô, recreação, capoeira, letramento, etc.

A escola está situada próxima à praia, e é frequentada por crianças que vêm de uma classe social mais humilde, e também por outras que tem um poder aquisitivo maior. A turma pesquisada era do 5º ano, com 28 alunos. As crianças estão na faixa etária de 10 a 13 anos. No dia da observação estavam presentes 26 alunos. A professora titular, ou seja, a professora da manhã tem 55 anos, é Pedagoga e Especialista em Educação Sexual.

### **Um passeio pela história da mulher: como viramos vítima da ditadura da beleza?**

A sociedade em que vivemos hoje – o sistema capitalista, que completa mais de quatro séculos de existência – é marcada pela divisão em duas classes principais e antagônica<sup>1</sup>: uma minoria exploradora, que detém os meios de produção; e uma segunda, a classe dos trabalhadores ou proletários, a imensa maioria da população, que é explorada, recebendo um salário que, na maioria das vezes, não dá nem para suprir as necessidades de uma vida digna (acesso à educação, saúde, lazer etc.)

---

<sup>1</sup> Embora haja estratificações e gradações entre uma classe e outra, estas são as mais representativas e importantes do ponto de vista sócio-político-econômico.

Essa primeira classe, por deter os meios de produção e midiáticos e conseqüentemente ter sob o seu controle o poder político, econômico e ideológico, costuma contar os acontecimentos históricos de acordo com o seu ponto de vista e, sendo assim, enfatiza que as desigualdades sempre existiram no mundo, que esse sempre foi dividido entre ricos e pobres.

Outras formas de organização social foram descobertas, em que não existiam as desigualdades sociais. Tanto os papéis do homem como o da mulher eram respeitados e valorizados.

Sobre a mulher, Engels afirma que:

Uma das ideias mais absurdas que nos transmitiu a filosofia do século XVIII é a de que na origem da sociedade a mulher foi escrava do homem. Entre todos os selvagens e em todas as tribos em que se encontram nas fases inferior, média e até (em parte) superior da barbárie a mulher não é só livre como, também, muito considerada. (ENGELS 2000, p. 51).

A partir da citação, podemos considerar que na origem da sociedade, a mulher não era explorada pelo homem, muito pelo contrário, seu papel era reconhecido dentro da sociedade. Então como surgiu a desigualdade?

Para falarmos do surgimento da desigualdade, precisamos falar primeiro do surgimento da propriedade privada. Com o desenvolvimento da sociedade, os seres humanos vão tendo o domínio da criação do gado, da elaboração de utensílios de metais, da agricultura, entre outras. A mulher era responsável pelo trabalho doméstico e o homem pela agricultura e pastoreio. O surgimento da propriedade privada vai tornar o gado e os produtos agrícolas, principais fontes de riqueza da comunidade, propriedade dos homens. Sendo assim, surge um conflito entre a propriedade privada masculina e a organização social que tinha como base a linha matriarcal, já que nessa sociedade os homens não sabiam quais eram seus filhos legítimos, ou seja, eles não tinham como identificar seus herdeiros, e conseqüentemente não tinham como garantir a sucessão de sua propriedade.

Sobre esses acontecimentos, Engels considera que,

Dessa forma, pois, as riquezas, à medida que iam aumentando, davam por um lado, ao homem uma posição mais importante que a da mulher na família, e, por outro lado, faziam com que nascesse nele a ideia de valer-se desta vantagem para modificar, em proveito de seus filhos, a ordem da herança estabelecida. (ENGELS, 2000, p. 59).

O homem começa a querer quebrar a estrutura familiar vigente, onde se tinha como base a linha matriarcal, e a partir daí fazer com que a estrutura social passe a ter como base o patriarcado. Feita essa transição, Engels descreve como a mulher passa a ser vista dentro da sociedade.

O desmoronamento do direito materno, a grande derrota histórica do sexo feminino em todo o mundo. O homem apoderou-se também da direção da casa; a mulher viu-se degradada, convertida em servidora, em escrava da luxúria do homem, em simples instrumento de reprodução. (ENGELS, 2000, p. 61).

Esse pequeno passeio pela história se fez necessário para entendermos como surgiram as concepções em torno da mulher, que até hoje, fazem com que seja explorada e, na maioria das vezes, seja usada pela mídia como uma mera mercadoria.

Como foi dito anteriormente, existe uma classe em nossa sociedade que é proprietária dos meios de produção e de comunicação, esses grandes empresários visam apenas o lucro e não pensam duas vezes antes de explorar a imagem de quem quer que seja para garantir o aumento de suas riquezas. E, como vivemos em uma sociedade machista, a mulher acaba por se tornar a parcela da população que mais sofre com essa exploração.

O corpo da mulher é utilizado de forma indiscriminada pelos meios de comunicação. Ao observarmos o discurso publicitário, quase sempre verificamos uma mulher seminua vendendo algum produto. Nos programas televisivos encontramos bailarinas com roupas sensuais, e corpos a mostra.

Podemos pensar que, por as propagandas trazerem sempre a imagem de uma mulher adulta com seu corpo escultural, essa preocupação excessiva com o corpo pertencesse apenas ao universo adulto, mas o que percebemos é que, cada vez mais, o público infantil é influenciado por esse estereótipo. Sobre esse assunto, Felipe (2013) afirma que

Tal preocupação não tem atingido não só as mulheres, mas também as meninas, pois é comum observarmos em suas falas e comportamentos uma grande preocupação com a aparência. Recentemente, uma menina de seis anos disse à sua mãe que gostaria de comer apenas alface para não correr o risco de engordar (FELIPE, 2013, p. 56).

Segundo Le Breton (2007), não podemos pensar o corpo só do ponto de vista biológico, mas também como um produto das interações sociais vividas pelo ator, a sociedade em que vivemos ainda valoriza bastante a aparência externa das pessoas. Sendo assim, essa nova forma de expor a mulher através da mídia (corpos esculturais, malhados, a magreza), acaba por repercutir em toda a sociedade, mudando o pensamento feminino sobre o conceito de beleza, fazendo com que as mulheres que possuem um físico diferente do que aqueles divulgados na mídia sintam-se feias e incapazes de serem felizes.

O discurso midiático sobre o corpo belo e magro faz com que as pessoas passem a valorizar cada vez mais o corpo. Sobre isso, Le Breton (2007, p. 17) diz que “as qualidades do homem são deduzidas da feição do rosto ou das formas do corpo. Ele é percebido como a evidente emanção moral da aparência física”.

Nesse sentido, é importante entendermos o que é o sexismo, não só pelo seu conceito, mas como ele acontece na sociedade, em particular, na escola. O sexismo se encontra presente na educação e no cotidiano através de algumas ações, seja por meio da linguagem, nos livros, nos gestos, que de maneira muito singular acabam por distanciar meninas e meninos, reforçando as diferenças e desfavorecendo a igualdade de gêneros.

De acordo com Smigay (2002, p. 34), “sexismo é uma posição, ou uma postura misógina, de desprezo frente ao sexo oposto”. Segundo o autor, o sexismo está inscrito numa cultura falocrática, “impregna o imaginário social e o prepara a um vasto conjunto de representações socialmente partilhadas, de opiniões e de tendência a práticas que desprezam, desqualificam, desautorizam e violentam as mulheres”. É importante ressaltar que o sexismo pode ser exercido tanto por homens quanto por mulheres.

Quando falamos em violência, não estamos nos referimos apenas à violência física, mas a todo e qualquer tipo de violência, inclusive aquela que oprime a mulher a moldar o seu corpo para pertencer a um padrão de beleza ditado pela mídia. A representação corporal imposta na sociedade está refletida na escola. Através de vivências em espaços escolares, observamos que muitas jovens se consideram feias, e se questionadas “por que se consideram feias”, a maioria responde “porque sou gorda”. Essas meninas buscam nas modelos e atrizes um ideal de beleza e quando não conseguem atingir tal ideal se frustram, perdem a autoestima, muitas desenvolvem doenças como a bulimia e a anorexia. E isso se reflete no desempenho escolar.

Também é importante ressaltar que as crianças e jovens discriminam uns aos outros pelo físico, excluem os gordos das brincadeiras, colocam apelidos, etc., e essas crianças vão crescendo estigmatizadas pelo corpo que possuem. Sendo assim, é de suma importância que os educadores desenvolvam, desde as séries iniciais, um trabalho para desconstruir o discurso da ditadura da beleza imposto pela mídia, que faz com que crianças cresçam infelizes, muitas abandonem os estudos por estarem insatisfeitas com o corpo que possuem.

## Descrição da aula observada

Visitamos a escola no dia 27 de Julho de 2016. A maior parte da turma chegou antes das sete horas da manhã. Ao chegarem, os alunos se dirigiam ao refeitório e formavam uma fila para esperar a professora chegar e entrar em sala. Às sete da manhã, a professora chegou e subiu com os alunos. Na fila, eles se agrupavam, 3 ou 4 meninos, depois, 3 ou 4 meninas e assim sucessivamente. Ao entrarem na sala, a professora fez um círculo e todos, de mãos dadas, rezaram o “Pai Nosso”, a “Ave Maria” e o “Santo Anjo”. Essas três orações fazem parte da religião Católica. Terminado o momento religioso, a professora começou a conversar sobre diversos temas.

A professora perguntou o porquê do dia anterior não ter tido aula e os alunos responderam que era por conta do dia da avó. A professora perguntou sobre as avós de cada aluno. E ao mesmo tempo ia fazendo perguntas ligadas à matemática. Depois dessa conversa, a professora pediu para que os alunos se sentassem, já havia passado mais de meia hora de aula.

Os meninos sentaram do lado direito da sala e as meninas do lado esquerdo. Quando perguntamos a alguns alunos sobre essa divisão, um aluno respondeu “sei lá”, outra aluna respondeu “é porque os meninos são lesos e não gostam de se misturar com a gente”. Com os alunos sentados, a professora falou: “Ontem não foi feriado por conta das avós, alguém sabe o verdadeiro motivo do feriado?”. Apenas um aluno respondeu que era devido à morte de João Pessoa. A professora, então, fez perguntas sobre João Pessoa, mas os alunos não respondiam e a professora repetia: “minha gente eu falei sobre João Pessoa essa semana!”. Como os alunos não respondiam, ela disse que não falaria mais sobre o tema e afirmou que a aula daquele dia seria sobre “Tipos de Música”. Já havia se passado mais de 50 minutos de aula.

A professora começou a perguntar o tipo de música que cada aluno gostava. Vários tipos de música foram mencionados: *rock*, MPB, sertanejo, gospel, entre outros. Quando uma aluna falou que gostava de *funk*, outro aluno disse: “não entendo como é que uma mulher escuta uma música que só fala ‘taca taca taca’ e a mulher dança isso”. Nesse momento, a aluna disse: “mas elas dançam, é o trabalho delas, elas malham e tudo mais, pra ter um corpo bonito e poder trabalhar dançando”.

O ideal de beleza para essa aluna está relacionado a um corpo malhado e magro. Outra aluna disse que gostava de música sertaneja, principalmente da dupla Mayara e Maraisa, que ela considerava “muito bonitas, vivem maquiadas, usam roupas bonitas, gosto muito delas” Ao falar da

dupla, a aluna não enfatizou a música sertaneja, mas as características ligadas a um ideal de beleza direcionado para as mulheres, como usar maquiagem e roupas bonitas.

Quando a professora terminou com conversa sobre os gostos musicais, ela colocou algumas músicas para os alunos escutarem. Quatro músicas foram apresentadas: sertaneja, pop, clássica, internacional pop. Depois de ouvirem as músicas, a professora passou uma atividade para ser realizada. Nesse momento, os alunos iam copiando. De vez em quando, as meninas paravam se olhavam em um espelho, passavam algum tipo de *gloss* labial.

No meio da atividade tocou para o intervalo. Nesse momento, conversamos com algumas meninas da sala e perguntamos por que elas estavam sempre preocupadas com a aparência. Uma aluna respondeu: “já estava perto da hora do lanche, e temos que descer bonitas, né tia? Os meninos gostam de ver a gente de cabelo arrumado e maquiada”. Essa resposta evidencia a preocupação das meninas com a aparência. Ficar bonita, ser aceita pelos outros através da beleza, é muito importante para elas. No intervalo, vários grupos menores foram se formando, os meninos foram brincar e as meninas se agruparam em trios ou quartetos. Em um dos grupos, observamos que a conversa foi sobre a cor do esmalte que as meninas consideravam mais bonito.

Quando regressaram do intervalo, a professora disse que continuaria a atividade no outro dia, pois seria a aula de Ensino Religioso. O professor de ensino religioso entrou na sala e pediu para ver os cadernos dos alunos para verificar quem tinha realizado a atividade deixada por ele na aula anterior. Nenhum aluno havia feito a atividade. O professor fala então sobre responsabilidade e compromisso, para que da próxima vez os alunos cumpram com as atividades deixadas para casa.

Ele começou a falar sobre virtudes e afirmou que cada religião tem concepções diferentes sobre respeito, amor, valores etc. Perguntou qual a religião dos alunos e pediu para que eles falassem o que cada religião ensina sobre amor, generosidade, etc. Todos os alunos eram cristãos, católicos e evangélicos. Sendo assim, o professor falou um pouco de outras religiões. Quando o professor falou sobre as religiões africanas, um aluno comentou: “mas tio, macumba é feio, adora o demônio”. O professor retrucou: “meu filho, você acabou de falar que sua religião diz que temos que amar e respeitar uns aos outros e já fala uma frase desrespeitando as religiões africanas!”. E continuou a falar de características de outras religiões.

Ao falar sobre religiões, o professor comentou: “muitas sociedades valorizavam a mulher, pois elas eram capazes de dar a vida, muitas esculturas femininas tinham quadris e seios avantajados, para demonstrar a fertilidade e tudo mais”. Nesse momento, uma aluna perguntou: “esse povo gostava de mulheres gordas, era tio? pois esse povo era antigo mesmo, porque nos dias

de hoje os meninos gostam mesmo é das magrinhas”. Em seguida, um menino comentou: “é tio, mulher gorda demais presta não”. A boa forma e o corpo magro possuem um lugar importante nas preocupações escolares. Nos comentários dos alunos, percebemos uma preocupação incisiva no sentido da produção do corpo magro e saudável.

Podemos inferir que o modelo de corpo que os alunos possuem está baseado no discurso da mídia, dentro de um cenário social marcado pela valorização de uma imagem cosmetizada e fetichizada, impregnada de conotações eróticas, sedutoras, sexuais, sensoriais e sensuais do corpo tido como desejável. Esse corpo é, a um só tempo, produto e objeto de compra e venda, um instrumento de produção e reprodução de sentidos e identidades, uma vitrine móvel a ser continuamente reformulada e copiada.

Desse modo, os alunos acabam por conduzir à condução de rejeitados os corpos que não se perfilam à corporeidade vigente. Têm-se, então, de um lado, os ídolos e seus corpos idealizados e, de outro, os corpos indesejáveis: os corpos velhos, obesos, flácidos ou com limitações de qualquer ordem.

### **Considerações finais**

Depois que a sociedade deixou de ser organizada através de uma linha matriarcal e passa a ser organizada por uma linha patriarcal, a mulher passou a ser um objeto de desejo do homem. A mídia cumpre um papel importante de legitimação dessa sociedade. E faz crescer cada vez mais, entre crianças e adolescentes, a vontade de ter um corpo belo e escultural como o modelo corporal divulgado pelo discurso midiático. Isso pode ser observado nas falas de algumas meninas da escola em que foi feita a pesquisa.

Hoje, os sujeitos são “punidos” se não aderirem ao modelo de beleza. Essa punição consiste em fazer o sujeito se sentir culpado por ter se deixado conduzir pelos seus exacerbados desejos, por não executar exercícios físicos, ter comido demasiadamente, não buscar os métodos que lhe proporcionassem o seu enquadramento no padrão do corpo politicamente correto.

Os sujeitos se submetem a inúmeros processos de disciplinarização do corpo para conseguir as medidas perfeitas disseminadas pela mídia. Exercícios demasiados nas academias, dietas sem prescrição médica, medicamentos milagrosos, períodos longos sem se alimentar; são apenas alguns dos ‘castigos’ aos quais, nós sujeitos, nos submetemos diariamente.

O professor precisa ficar atento a essas questões e trazer o assunto para debater na sala de aula, pois muitas vezes, as crianças perdem a identidade e se tornam escravas da ditadura da beleza.

A identidade do sujeito é determinada a partir de si mesmo e da sua relação com a sociedade na história. A preocupação com a estética torna-se significativa, visto que o sujeito precisa transmitir uma representação espetacular de si para os que estão ao seu redor.

È pertinente que o professor fique atento a algumas questões: até que ponto vai o domínio do aluno com o seu corpo? Os alunos assumem o próprio corpo ou tentam se enquadrar na “fôrma” do corpo ideal para serem considerados belos para o outro? Questionamentos que nos fazem refletir acerca dos mais diversificados discursos que nos coagem cotidianamente.

## REFERÊNCIAS

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. 15. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

FELIPE, Jane. Erotização dos corpos infantis. In: FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre; LOURO, Guacira Lopes (Orgs). **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, p. 54-66.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MATTOS, Carmem Lúcia Guimarães de. A abordagem etnográfica na investigação científica. In: CASTRO, Paula Almeida de; MATTOS, Carmem Lúcia Guimarães de (Orgs). **Etnografia e educação**: conceitos e usos. Campina Grande, PB: EDUEPB, 2011, p. 49-83.

SMIGAY, Karin E. Von. Sexismo, homofobia e outras expressões correlatas de violência: desafios para a psicologia política. **Psicologia em Revista**. v. 8, n. 11. Belo Horizonte, 2002, p. 32-46.